

Seção Dissertações e Teses

**TECENDO OS FIOS DA REDE:
juventude e produção de si em projetos sociais¹¹³**

**WEAVING THE NETWORK:
YOUTH PRODUCE THEMSELVES IN SOCIAL PROJECTS**

Marlos Alves Bezerra¹¹⁴

PARTE I: UMA PESQUISA QUE COMEÇA ANTES DA TESE

A presente tese se inscreve no quadro de um conjunto de pesquisas que se inicia em 1996 com o projeto integrado “Juventude, Exclusão e Violência. Por ora, importa dizer que é relacionado a pesquisas realizadas desde aquele momento pela professora Norma Takeuti (2002). Acresçamos: nosso trabalho é ao mesmo tempo pré-existente e também prosseguirá além deste momento do doutorado.

Para dar uma ideia do percurso do trabalho até o momento atual, apresentamos alguns temas principais que atravessaram os dois momentos anteriores a este estudo, ou seja, a graduação e o mestrado.

Conduzida pela professora Norma Takeuti, a pesquisa “Do olhar social à imagem de si” era parte de uma investigação maior, a qual redundaria na obra

¹¹³ Tese defendida em 08 de Julho de 2009, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação da professora doutora Norma Missae Takeuti Disponível em www.bczm.ufrn.br

¹¹⁴ Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1999), mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2004) e doutorado em Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2009). Atualmente é professor convidado da Universidade Potiguar onde leciona em cursos de especialização em educação infantil e psicopedagogia. Coordena especialização em Psicologia Transpessoal na UnP. Professor substituto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Consultoria em projetos sociais. Foco de interesse nos seguintes temas: inventividades sociais e produção de subjetividade, periferias urbanas e educação popular, redes juvenis e participação social, resiliência e movimentos culturais juvenis. Humanização, saúde e práticas sociais. marlosdoc@yahoo.com.br

“Do outro lado do espelho”. Estudamos na Zona Oeste de Natal, especificamente no bairro das Quintas, jovens pobres que participavam do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR). Importava captar o modo como construía sua identidade pessoal e social, agregada às referências desqualificantes de “meninos de rua” e por pertencer a um bairro violento e socialmente desvalorizado da cidade.

Foi possível perceber tentativas de rompimento com uma imagem de invalidação social provocada pelo estigma de “meninos de rua”. Enquanto buscavam ações para responder à dinâmica da exclusão social e fazer face ao sentimento de relegação social (TAKEUTI, 2002), experienciado por eles, paradoxalmente, seus movimentos de “ruptura” realizavam uma inscrição em práticas socialmente “mal-vistas”, tais como o pertencer a galeras e gangues, esconder crack, realizar furtos, entre outras atividades ardilosas, no sentido do benefício próprio à custa de outrem. Estas práticas que eles queriam ganhar distância, muito embora grande parte não conseguisse encontrar outras modalidades de expressão de si que não fossem através da linguagem da violência. Restavam-lhes ações que carregavam sobre si o ódio da sociedade.

Durante a dissertação de mestrado, aportamos em um projeto de extensão que se constituía também em um fórum social de protagonismo juvenil e combate à pobreza: Engenho de Sonhos. Através deste fórum foi possível estender o olhar para outros bairros da Zona Oeste. Nestes bairros, aproximamo-nos de grupos juvenis voltados para práticas de artes, cultura e lazer (teatro, música, *hip hop*, capoeira, quadrilha junina, *skate*, *cross* etc.). Particularmente, trabalhamos mais próximos ao núcleo do bairro Guarapes¹¹⁵ e lá conhecemos o Grupo Periférico Suburbano (GPS) e o universo do *hip hop*.

Naquela etapa, os vínculos grupais constituídos se tornaram o foco da pesquisa. Percebíamos que os elos constituídos nos diversos grupos juvenis que tomavam parte no Engenho de Sonhos, forneciam um suporte importante para seus membros manterem suas aspirações e uma imagem positivada de

¹¹⁵ A Zona Oeste abrange nove bairros. Na graduação, trabalhamos nas Quintas; no mestrado, em Felipe Camarão e Guarapes (foco do doutorado), além de Cidade da Esperança, Cidade Nova e Bom Pastor.

si. Além disso, os grupos, através do Engenho de Sonhos e da “experimentação” que ocorria nos bairros, disponibilizavam oportunidades de expressão dos jovens e de visibilidade de suas potencialidades em meio ao que era veiculado pela mídia escrita e televisiva sobre a Zona Oeste.

Uma vez tendo situado o contexto de nosso trabalho, passemos à tese que defenderemos aqui.

PARTE II: TECENDO A REDE DA DISCUSSÃO

Atualmente, há nas periferias dos centros urbanos do país a emergência de coletivos juvenis que se articulam através de redes sociais diversas, as quais facultam aos jovens sujeitos, que neles tomam parte, novas formas de subjetivação, não obstante as contingências e faltas que constituem a cotidianidade de sua existência social. Essa produção de subjetividade revela projetos existenciais de sujeitos juvenis que experienciam um sentimento de abertura a um projeto de autonomização, em relação a um sistema que os encarceram numa situação de precariedade social, facultando-lhes a possibilidade de pensar caminhos próprios que favoreceriam ações coletivas e potencializariam o engajamento em bandeiras sociais de lutas mais amplas.

O sentimento de abertura experienciado, sobretudo através da trajetória de participação em projetos sociais, fornece-lhes um continente propício para a germinação de atitudes de confrontação coletiva com dispositivos de sujeição social. Essa confrontação tenderia a ocorrer simultaneamente ou em um dos seguintes domínios distintos: ao nível das significações imaginárias sociais (CASTORIADIS, 1986) sobre a juventude na sociedade brasileira, e também ao nível concreto de atividades inventivas que passam a se expressar em ações que podem se revestir de um caráter protestatário e reivindicador.

Uma vez que a tese a ser defendida versará sobre subjetividades juvenis em bairros periféricos, tendo como foco os coletivos juvenis articulados em redes, partimos do seguinte questionamento: como se dá o processo de subjetivação e, mais especificamente, a reinvenção de si em jovens da periferia com experiências sociais nas quais se ressaltam projetos articulados em rede?

Alertamos que tal questionamento não excluiu nosso interesse pelas experiências “negativas” vivenciadas por esses mesmos jovens.

No interior da questão precedente, encontra-se o objeto de nossa pesquisa atual: o processo de subjetivação de jovens da periferia de Natal - RN, especificamente da Zona Oeste da cidade.

Os sujeitos que nos proporcionaram o estudo de nosso objeto de pesquisa são jovens, em sua maioria entre 19 e 25 anos, moradores dos bairros Guarapes e Felipe Camarão, e pertencentes a dois coletivos juvenis: Associação de Juventudes Construindo Sonhos (doravante chamados apenas “jovens construindo sonhos”) e Posse Lelo Melodia (doravante referenciada Posse ou coletivo Lelo Melodia). Ambos os coletivos estão coligados a redes juvenis regionais e nacionais.

A maior parte dos sujeitos jovens dos coletivos estudados figura na tese com os nomes verdadeiros, visto que assim o desejaram. Dentre eles, selecionamos alguns para apresentar suas narrativas de vida, precedendo o início de cada capítulo. Nosso intuito foi o de dar um espaço para que as histórias dos jovens pudessem apresentar seus grupos respectivos, valorizar a vivência desses jovens, fazer sobressair suas vozes em meio à discussão teórica, destacando nas narrativas individuais os traços de um sujeito coletivo, cujo vir-a-ser estampa-se de modo distintivo da existência que caracterizou grupos de jovens do passado pertencentes a um mesmo espaço social.

O objetivo geral do trabalho atual foi assim fixado: analisar grupos juvenis articulados com redes do ponto de vista da mobilização de recursos comunitários, das rupturas e continuidades em suas trajetórias pessoais, frente aos projetos sociais, dos campos de convivialidade formados e dos recursos individuais gerados, compreendendo o significado dos elos construídos em seu interior pelos sujeitos juvenis individuais e coletivos.

Quanto aos objetivos específicos, que se desdobram a partir do enunciado acima, podemos elencar:

a) Abordar a questão da produção de subjetividade juvenil, contextualizando-a no processo social e cultural da contemporaneidade.

b) Analisar a trajetória social de jovens “protagonistas” e, como isso, impactar na produção de subjetividade e na possibilidade de efetivar grupalmente ações com ressonância na sociedade local, em face das dificuldades encontradas no seu cotidiano.

c) Compreender em que base se estrutura a “arte de fazer” dos jovens inseridos em redes juvenis e de quais dispositivos/recursos os coletivos juvenis estão munidos para pleitear um projeto pessoal e coletivo o mais autonomizado possível para seus membros.

Para dar conta dessa proposta, situemos o suporte teórico que nos dará sustentação ao longo do trabalho. Utilizaremos, em Castoriadis (1986), as noções de subjetividade, autonomia, imaginário social, significações imaginárias, sociais e reflexividade. Como essas noções são centrais para nossa discussão, esse autor será recorrente em todo o nosso trabalho. Em Michel de Certeau (1994), inspiramo-nos para possibilitar uma discussão sobre cotidiano, através das noções de astúcia, táticas e artes de fazer. Outros autores virão compor uma discussão específica, respeitadas as matrizes de pensamentos e noções estabelecidas em seus campos de teorização, para aprofundar algumas ideias que em Castoriadis não teríamos como aproximar em função de nossa especificidade empírica: Foucault em suas discussões sobre disciplina, poder, biopolítica e governo de si; Melucci e sua discussão sobre redes subterrâneas; Castells e a discussão sobre sociedade em rede; Touraine e seu aporte sobre direitos culturais; e Bourdieu em sua discussão sobre capital simbólico. O ponto de contato entre perspectivas que se tornam díspares num primeiro momento de articulação é a tensão entre sujeito e sociedade, revelando possibilidades de composições, reapropriações e resistências que se tecem no processo de produção de um si em relação aos mecanismos de sujeição social.

Além desses, a presença do referencial da sociologia clínica (Gaulejac, Enriquez, Niewiadomski, Takeuti) se inscreve tanto no nível da metodologia quanto do esforço de articulação entre os planos social e individual. Trata-se de centrar nos sujeitos jovens, com o intuito de relacionar os diferentes processos

de construção, suas influências recíprocas, suas complementaridades e oposições, e a maneira que o sujeito tenta encontrar uma unidade e ao mesmo tempo uma singularidade em face desse processo, conforme sugere Gaulejac (2006). Este autor inspirou-nos quatro planos de apreensão desse tensionamento em que a noção de sujeito remete: a) sujeito do direito, que se inscreve no universo das leis, regras e normas; b) sujeito do desejo que se inscreve no universo do inconsciente, conforme a formulação freudiana; c) sujeito social-histórico, que se inscreve no universo da sociedade/cultura/história; d) sujeito da palavra e da cognição que se inscreve no universo da reflexividade. Esses quatro planos descritos anteriormente são o mote para quatro dos cinco capítulos que compõem a tese: a) Universo das leis corresponde ao capítulo primeiro, estudando o sujeito do direito; b) Universo do inconsciente é a temática do capítulo dois, abordando o sujeito do desejo; c) Universo da sociedade, história e cultura é mote para o quarto capítulo, discutindo o sujeito social-histórico; d) Universo da reflexividade materializa-se no quinto capítulo, ao discutir os coletivos juvenis enquanto sujeitos da palavra e da cognição.

PARTE III: SUJEITOS COLETIVOS JUVENIS E QUATRO PLANOS DE ABORDAGEM: DETALHANDO A PROPOSTA DE DISCUSSÃO

Com essa pretensão, estabelecemos o plano de discussão da tese em duas partes (juventudes e narrativas existenciais; redes e coletivos juvenis) como explicitado a seguir.

No capítulo primeiro, “Imaginário social contemporâneo e campo da juventude: o Ser Jovem nas bordas do cenário social”, abordamos o jovem como sujeito do direito. Nosso recorte diz respeito aos tipos de significações sociais que estariam incidindo sobre o imaginário em torno da juventude na contemporaneidade. Confrontamos o advento dos “*jovens de projeto*” com os resultados de nossa pesquisa local realizada uma década antes, versando sobre os jovens “meninos de rua”. Consequentemente, discutimos o que ocorre

de novo no plano social-histórico e sua possibilidade de gerar tanto uma representação no nível societal quanto uma autorrepresentação de uma parcela da juventude brasileira, que se situa em nível local na Zona Oeste de Natal. A partir dessa clivagem no campo da juventude, a discussão nos guia para problematizar também a temática da punição e a criminalização da pobreza.

Privilegiamos, no segundo capítulo, narrativas juvenis e produção de subjetividades do sujeito do desejo, trabalhando as trajetórias individuais dos jovens, aspectos de suas histórias de vida, as rupturas e continuidades presentes ao longo de suas vidas e a relação disso com a trajetória de projetos sociais. Deter-nos-emos na tensão entre o sentimento de vergonha social e o desejo de autonomia, nas conflitualidades que tornam o seu vivido um movimento inventivo, mas igualmente solapado por desamparo e escassez de todos os matizes.

O terceiro capítulo, “Uma arte de escrever: pesquisa e intervenção social”, é uma espécie de “interlúdio” na tese. Ao suspender as análises precedentes, o foco passa a ser a construção da tese em si.. Trabalhamos as motivações do pesquisador, as técnicas de coleta de dados, os pressupostos éticos que fundamentaram a pesquisa e como ela também adquiriu um caráter de intervenção social, expondo ainda as dificuldades existentes em uma produção científica engajada.

O quarto capítulo, intitulado “Trajetórias de grupo: entre dispositivos disciplinares e reinvenção de subjetividades”, abarca o universo do sujeito social-histórico. Ao discutir redes juvenis, retraçaremos o caminho das experiências que vai do Fórum Engenho de Sonhos até os coletivos Jovens Construindo Sonhos e Posse Lelo Melodia. Face às estratégias de organização em rede dos grupos juvenis da chamada “periferia”, é possível divisar campos de luta no qual se entrecruzam esperanças e frustrações, sonhos e impotências, antagonismos e protagonismos, o estranho e o igual, no qual se ancoram jovens cujos projetos coletivos existenciais tentam uma construção de

sentido para mudar a sua condição existencial, tanto no plano material, simbólico e político.

Finalmente, abordamos o universo do sujeito cognitivo. Acompanhando as movimentações dos coletivos juvenis em meio a contradições e conflitualidades, vislumbramos uma arte de fazer dos coletivos juvenis. Trata-se de um fazer coletivo que eles denominam como uma “política” que se desdobra para dentro da comunidade, que se efetiva no cotidiano e que se esforça buscando um processo de autonomização individual e coletiva. Haveria nas ações dos grupos juvenis uma proposta de participação social, de reflexão deliberada e de autonomia coletiva? Esta será a temática do quinto capítulo, intitulado “Uma arte do desvio: reflexões sobre astúcias e reflexividade dos jovens”. Uma questão que nos inquieta nesse capítulo é sobre a possibilidade dos coletivos juvenis em fazer emergir um novo “vir-a-ser” para os sujeitos sociais, possibilitando coabitar novas significações juntamente com as significações sociais atribuídas aos segmentos estigmatizados, particularmente o juvenil.

1) PARTE IV: INTERROGAÇÕES FINAIS E ESPERANÇAS DE UMA TESE DE DOUTORADO

Se tudo o que dissemos tiver um significado político, ele pode ser resumido de modo bem simples. Trata-se de lembrar aos homens esta verdade elementar, que eles conhecem, mas esquecem regularmente quando se trata dos assuntos públicos: nem a expansão da economia capitalista, nem o governo, nem as leis da história, nem o Partido trabalham para eles. Seu destino será o que eles quiserem e puderem fazer disso. (Cornelius Castoriadis - Uma sociedade à deriva, 2006 p.142)

Ao término de 375 páginas de incursões pelo universo da juventude periférica local, é lícito perguntarmos a que se prestou tão extensa discussão. Nosso périplo faz brotar algumas frustrações e ansiedades e concomitantemente acalentar algumas esperanças.

As frustrações são no sentido de perceber que muito mais poderia ter sido dito e feito, no sentido de arrolar e “enredar” os argumentos aqui dispostos

no afã de afirmar a gestação de “artes de fazer” dos coletivos juvenis estudados, revelando sua inventividade e potencialidade em meio a tantos atravessamentos objetivos e subjetivos. Mas, como fala Castoriadis: “existe o feito e o a ser feito”.

A ansiedade é no desejo de antever em que redundará o movimento dos grupos aqui estudados e de seus membros. E do que emergirá ao seu redor, em termos de uma nova geração que possa ampliar o atual cotidiano de lutas desses jovens, para novos patamares de discussão, participação e intervenção.

As esperanças são no sentido de que realmente a efervescência, que ora assinalamos, possa ser produtora de novos modos de subjetivação capazes de criar novas figuras do pensável; coletivos que possam ultrapassar questões mais particulares e que possam colocar em discussão ampla o foco que as biografias aqui apresentadas alentaram de nossa parte: vislumbrar que sim, é possível a reinvenção social do mesmo modo que está sendo possível a reinvenção de pessoas e que isso não é um acaso, um improvável fortuitamente realizável, ou uma ação que dependa exclusivamente do esforço individual de cada um.

Chegamos a algumas respostas provisórias. Como não poderiam deixar de ser, foram as respostas possíveis para um momento de trabalho historicamente determinado. Nossas certezas são relativas e, como os sujeitos da pesquisa, o trabalho permanece em aberto. Como os grupos juvenis podem tornar-se expressão de uma *resistência social*?

Como menciona Edgar Morin no final do método 5, é do homem genérico que este trabalho trata. Genérico no sentido de ser capaz de gerar e regenerar as capacidades propriamente humanas. Diz-nos Morin que para conservar uma aquisição é preciso regenerá-la incessantemente. Regenerar, como diz Durkheim, por “efervescência coletiva” em transgredindo, alimenta o social com o novo.

Aqui, nosso esforço foi o de regenerar continuamente os nossos pressupostos de pesquisa e os dados fornecidos pelos sujeitos que nos

concederam seu tempo, seu vivido e também sua confiança em nosso trabalho. Regenerar para não degenerar. Como Castoriadis nos ensina, evitamos, nesse momento, sugerir receitas. Abstemo-nos disso, apostando com Certeau na capacidade do ordinário que dormita em todos nós de “dar golpes”, produzir desvios e criar arte incessantemente.

Finalizemos com algumas palavras sobre a dimensão “sociopolítica” desta pesquisa. Acreditamos que discutir os novos ordenamentos os quais atravessam a juventude brasileira, principalmente a parcela pobre, e mais detidamente a juventude local, reveste-se não somente de atualidade, mas principalmente de urgência e relevância. Isto porque as reflexões e estudos produzidos a partir desta temática podem contribuir para a compreensão dos movimentos sociais em sua articulação com a violência exercida e praticada pelos e sobre os jovens na sociedade brasileira. A pertinência destes estudos se inscreveria na urgência de novas reflexões quanto ao estatuto do jovem e das suas formas de organização social, na atual sociedade. Com isso, esperamos fornecer subsídios de reflexão (aos próprios jovens) de suas práticas e ações que visam a outros campos possíveis de vida nas periferias.

REFERÊNCIAS

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. 1 ed. [1982]. 2 ed [1986] Rio de Janeiro: Paz e Terra.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

GAULEJAC, V. e TABOADA LEONETTI, I. **La lutte des places**. Paris: Desclée de Brouwer. 1994.

_____. **O âmago da discussão**: da sociologia do indivíduo à sociologia do sujeito. In: Cronos, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFRN, vol.5/6, n.1/2 jan-dez/2004-2005. Natal: EDUFRN, 2006.

_____. **A gênese social dos conflitos psíquicos**. In: In:CRONOS. Revista do programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN, v.2, n.1, jan/jun 2001.

MORIN, E. **O Método 5**: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulinas. 2003.

PASSEGGI, M. e SOUZA, E. **(Auto)biografia**: formação, território e saberes. Natal, RN: EDUFRN, São Paulo: Paulus. 2008.

SANTOS, B. **Reconhecer para libertar**. Os caminhos do cosmopolitismo cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2002.

TAKEUTI, N. **No outro lado do espelho**: A fratura social e as pulsões juvenis. RJ: Relume Dumará. Natal: UFRN, 2002.